

Anabela Delgado  
Karin Wall

## Introdução

Para os investigadores e especialistas que se dedicam às áreas da demografia e da sociologia da família, a exploração dos Censos é um desafio e um estímulo à produção de conhecimento e à atualização dos estudos que procuram descrever e interpretar as transformações nas formas de organizar e viver em família. Não nos podemos esquecer de que as estruturas familiares evoluem de forma particularmente lenta e que a leitura da mudança só é possível ao longo de várias décadas. A longevidade e a consistência da série censitária, aliadas às características da informação de recorte mais pormenorizado e com maior detalhe geográfico, conferem por isso aos dados dos Censos um valor único para o estudo da família e das suas transformações no tempo.

A divulgação e a análise dos Censos 2011 foram uma oportunidade para dar continuidade aos laços de cooperação e de trabalho conjunto entre o INE e o OFAP, que desde logo identificaram interesses comuns e potenciadores de uma leitura rigorosa e atualizada sobre as famílias em Portugal. Deste trabalho resultou a realização do Seminário «Famílias nos Censos 2011: Diversidade e Mudança», em novembro de 2013, e a elaboração da presente publicação, a qual disponibiliza, de forma mais aprofundada, as comunicações apresentadas nesse seminário.

Os capítulos aqui reunidos procuram responder com dados estatísticos, na sua maioria censitários, a três linhas principais de interrogação: Como vivemos em família? Como temos vindo a mudar? Quais os fatores da mudança? Passado e presente entrecruzam-se ao longo das diferentes perspetivas de análise, possibilitando a identificação da diversidade das formas de organização familiar em Portugal assim como a análise da sua evolução ao longo de várias décadas.

Na última década acentuaram-se as tendências de mudança no que diz respeito à conjugalidade, com o aumento das uniões de facto, dos nascimentos fora do casamento, do divórcio e da recomposição familiar. A taxa de fecundidade atingiu níveis mínimos e a esperança média de vida aumentou. Estas transformações implicaram também um processo

de mudança progressivo e persistente em direção a novas formas de viver em família. As famílias são hoje significativamente mais pequenas do que há 50 anos. O casal continua a ser a forma predominante de organização familiar, mas o seu peso estatístico recuou. Em contrapartida, aumentaram as famílias monoparentais, constituídas por pai ou mãe só a viver com os filhos, e as pessoas que vivem sós.

Com vista a facilitar a leitura desta publicação, o capítulo 1 traça o perfil demográfico da população portuguesa e a sua evolução. No capítulo 2, é apresentada uma visão sobre o conjunto das estruturas domésticas e uma reflexão sobre as principais linhas de transformação ao longo das últimas décadas. Os capítulos 3 e 4 introduzem o território como uma dimensão de análise, mostrando que persistem contrastes regionais nas tendências de mudança e nos perfis de organização familiar. Os capítulos seguintes abordam de forma aprofundada os diferentes tipos de estrutura doméstica e analisam as mudanças operadas e os fatores que influenciaram essas mudanças: pessoas sós, casais, famílias monoparentais, famílias complexas, famílias numerosas e famílias recompostas.

A organização deste trabalho foi um exercício muito gratificante que contou com a dedicação, o esforço e o empenhamento de muitas pessoas às quais é devido um agradecimento. Desde logo aos autores, pelo trabalho de análise e de reflexão em torno destas questões. Aos colegas do Gabinete para os Censos 2021, do INE, designadamente à Dr.<sup>a</sup> Paula Paulino e ao Sr. João Capelo, pelo tratamento e apuramento dos dados e na articulação dos conceitos. Aos colegas do ICS-ULisboa e do CIES-IUL, designadamente ao Dr. Vasco Ramos e à Dr.<sup>a</sup> Ana Caetano, pelo tratamento e pela análise de dados. Um agradecimento final às equipas da Imprensa de Ciências Sociais e do INE que, num prazo muito curto, asseguraram a composição, revisão e impressão desta publicação.